

### As agruras do primeiro emprego...!

O primeiro emprego realmente nunca mais se esquece! Os sentimentos se misturam e são exacerbados pelos hormônios todos em ebulição, já que, na grande maioria dos casos, acontece ainda na adolescência: ansiedade e medo se confundem com o orgulho e a soberba característica da idade, quando se sabe tudo e que tudo se pode fazer e fazer acontecer.

Minha experiência com o primeiro emprego, hoje um caso lembrado com muito humor, corrobora com essas questões e dá a verdadeira dimensão do que é, para um jovem, ingressar no mercado de trabalho. Afoita, paulista recém-chegada em Belém, ávida por exercer todos os conhecimentos que “supunha” possuir (dentre eles a agilidade datilográfica conquistada à custa de muitos treinos em máquina de escrever portátil Olivetti) e no auge dos quase completos 18 anos, fui contratada como estagiária para o setor administrativo de uma grande empresa de seguros, no final dos anos 70. Um baita orgulho, somado ao desespero de ter que acordar cedo todos os dias, enfrentando a rotina de ônibus lotado e marcação de cartão de ponto. Acho que durou umas três semanas, onde tudo fluía muito bem – na realidade os dias de trabalho já me fugiram da memória há anos, permanecendo, sim, o sentimento que me assolou, ao fim desse quase um mês, quando simplesmente perdi a hora de acordar e dormi demais. Completo desespero! Não sabia o que fazer, a quem recorrer, que atitude tomar e, covardemente, optei por não ir trabalhar. Nem nesse dia, nem nos dois dias seguintes, verdadeiramente apavorada com o erro cometido e sem saber como agir. No terceiro dia, a tia que me era mais próxima perguntou porque é que eu não estava indo trabalhar e eu disse que não podia ir, pois dois dias antes tinha acordado tarde e não tinha como ir mais, já que havia cometido o “pecado” de perder a hora. Ela disse que eu tinha que ir, que era preciso assumir meus erros e pelo menos dar uma satisfação. Pedi que ela fosse comigo, que falasse por mim, pois estava muito nervosa. Juro que o sentimento que me tomava era o de pânico, tal qual o que nos remonta às expectativas pelos castigos paternos da infância. A partir daí tudo transcorreu como devia: recebi os dias trabalhados, várias piadinhas dos colegas mais velhos, muitos conselhos... a memória não ajuda com os fatos, só deixa a lembrança dos sentimentos contraditórios: tão supostamente adulta e tão plenamente imatura, completamente necessitada de orientação acerca dos deveres e obrigações do primeiro emprego, bem como de preparação para as mudanças que ocorrem com a responsabilidade que, de repente, passa a fazer parte da vida quase adulta.

Trabalhar é um enorme prazer, produzir é algo que faz a diferença, principalmente quando se é jovem e visceral! Na década de 1980, Içami Tiba define bem essa relação positiva entre o jovem e o trabalho: *“os adolescentes geralmente gostam de trabalhar. O trabalho dá ao adolescente a posição de adulto, pois implica na responsabilidade de produzir algo e de ser remunerado*

*pelo que realiza". O autor prossegue dizendo que "com o compromisso acrescido da realização e da remuneração descortina-se uma nova dimensão para o adolescente: a identidade social através do trabalho" (Tiba, 1986, p.78). Só precisamos deixar essa identidade florescer e dar frutos.*

PS.: Minha vida profissional deu uma breve parada após esse início promissor, pois engravidei e casei pouco tempo depois disso. Minha próxima oportunidade de trabalho aconteceu no início da gravidez do 2º filho, quase dois anos depois disso, seguido de poucas variações, finalizando já com mais de 20 anos no mesmo empregador. Mais de 30 anos depois do primeiro emprego, continuo dormindo bem e profundamente...!!!

Janete Eluan

15/Maio/2013